

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda São João de Monnerat

código
AVI - FO4 - DB

localização
Estrada Duas Barras, Monnerat

município
Duas Barras

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
fazenda de café / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

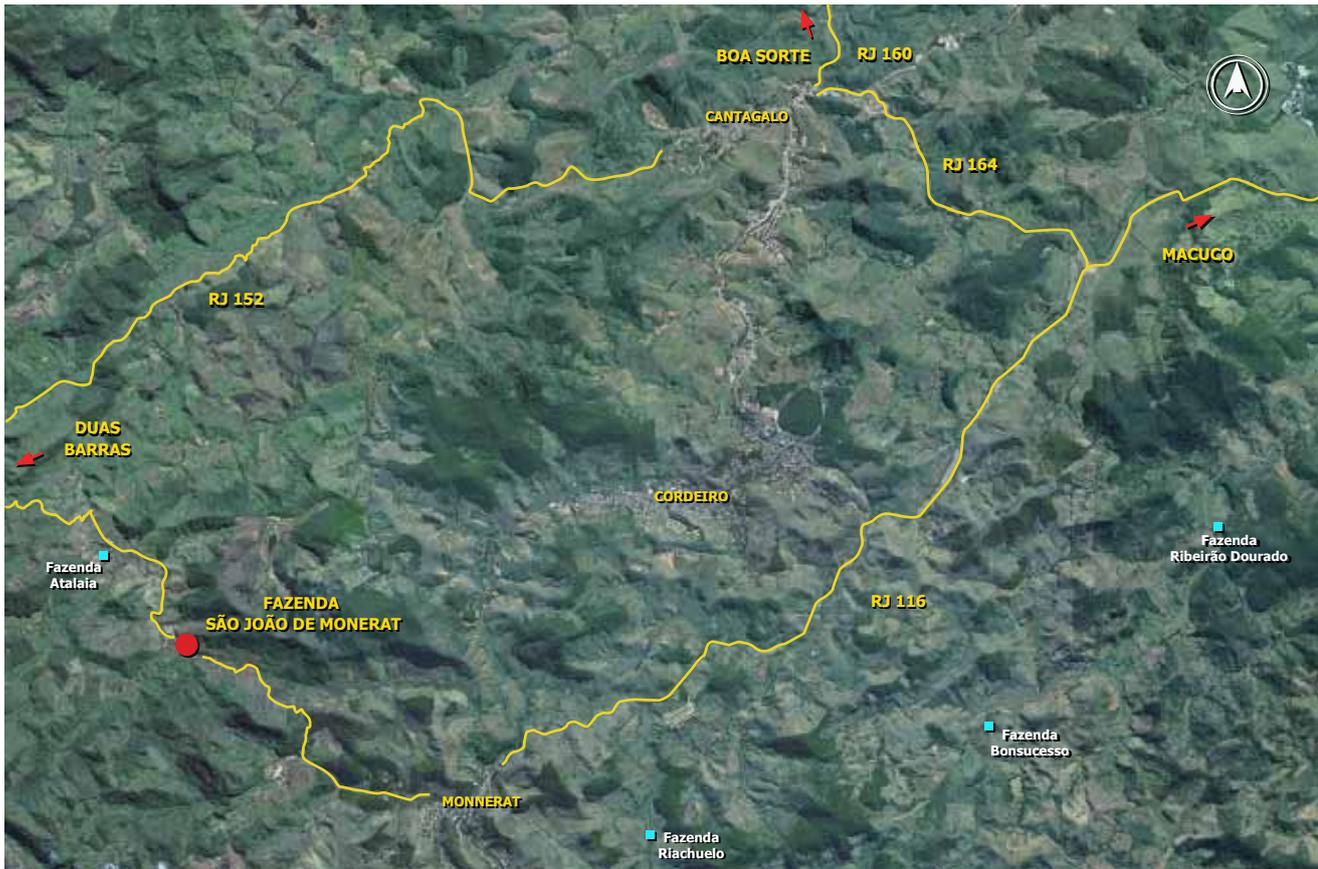
proprietário
particular



Fazenda São João de Monnerat, sede

coordenador / data **Francyla Bousquet – mai 2010**
equipe **Francyla Bousquet, Priscila Oliveira e Margareth Dias**
histórico **Francyla Bousquet**

revisão / data
Thalita Fonseca – nov 2010



situação



ambiência

Localizada em Monnerat, distrito pertencente a Duas Barras, a Fazenda São João de Monnerat é acessada por caminho que tem início junto à RJ-116, aproximadamente 6 km após a passagem do trevo que indica a entrada de Duas Barras. No sentido contrário da mesma estrada, a pequena e antiga estação de passageiros e cargas, que marca a chegada à Monnerat, dista 7 km da entrada para o município de Cordeiro.

A partir da chegada ao distrito, dobra-se à esquerda da rodoviária em via com calçamento em paralelepípedo – Rua Manoel Lutterbach Nunes. Mais à frente, em bifurcação que se apresenta, toma-se a direita, e adiante, transpõe-se pequena ponte que atravessa sobre o Córrego da Cachoeira. Seguindo em frente, logo tem início o piso em terra batida, que sinaliza o começo da Estrada Duas Barras–Monnerat, onde está localizada a fazenda em questão.

A partir da citada ponte, são percorridos em torno de 6 km até a estância, mantendo-se sempre à direita no caminho tortuoso e por vezes de difícil passagem, especialmente após ocorrência de chuvas. No entanto, a natureza ali se exhibe de forma caprichosa e exuberante, recompensando as dificuldades do trajeto.

A pequena porteira marca a chegada à propriedade (f01) – essa barreira, na realidade, veda o acesso às áreas de serviço e funcionários, embora haja densa proteção natural em boa parte de sua testada principal. Desse ponto, já podem ser avistadas algumas edificações da fazenda, como uma construção de apoio ao antigo terreiro de café.

Passando por essa porteira, avista-se uma grande canaleta (f02), à direita, hoje utilizada não só para o escoamento de águas servidas como também para passagem de instalações atuais. Nessa direção, vê-se logo o portão de acesso ao interior da propriedade (f03).



01



02



03

Continuando nessa via externa à fazenda, a primeira edificação antiga que se apresenta à esquerda do portão (ver f03) é utilizada para diversos fins: ferramentaria, depósito, garagem e guarda de ferramentas. Tal edificação pode ser acessada pelos lados interno e externo da propriedade, pois está posicionada sobre o perímetro lateral da fazenda, servindo-lhe de limite. A princípio, entende-se que ali pode ter sido o local da antiga senzala, mas questiona-se essa possibilidade em função desta edificação estar em local aberto e desprotegido, o que seria incompatível com a guarda do que havia de mais precioso nas propriedades de então, os seus escravos.

Avançando nesse caminho, há uma casa para funcionários da fazenda, sobre a qual não foram encontradas informações a respeito de sua função original.

Ingressando no portão que dá acesso à área privativa da fazenda, além da já citada ferramentaria, avista-se logo a imponente sede (f04), precedida de grande gramado que lhe confere maior destaque e majestade. A sede foi edificada em grande área de platô, de onde pode-se ver o belo entorno que se descortina (f05). Esse espaço funciona como distribuidor de fluxos, pois dali é possível ter acesso à sede – inclusive área de serviço, edificações de apoio e pomar (f06 e f07) –, ao grande terreiro de café (f08) e ao cafezal propriamente dito (f09). O caminho que conduz ao cafezal é introduzido por uma alameda de bambus (f10) e seu traçado foi estabelecido em uma das laterais do grande terreiro, implantado em nível abaixo da sede (f11).



04



05



06



07



08



09



10



11

Nesse caminho, é possível identificar uma antiga estrutura em pedra, provavelmente um lavador de café (f12, f13 e f14), que conta com um sistema de canaletas subsequentes (f15) que levam ao terreiro de secagem de grãos. Nesse mesmo equipamento, há aberturas que indicam o sistema de controle da água por comportas (f16), através do qual era possível manejar a água também para o engenho (f17) e moinho (f18), edificações dali vizinhas.

Contígua a essas construções está a antiga tulha, construída em linha de corte de terreno demarcada pelo grande arrimo do terreiro de café (f19), o que a faz atender a ambos os níveis (f20).

Ali também está outra edificação de apoio, provavelmente uma segunda área de estocagem de grãos (f21).



12



13



14



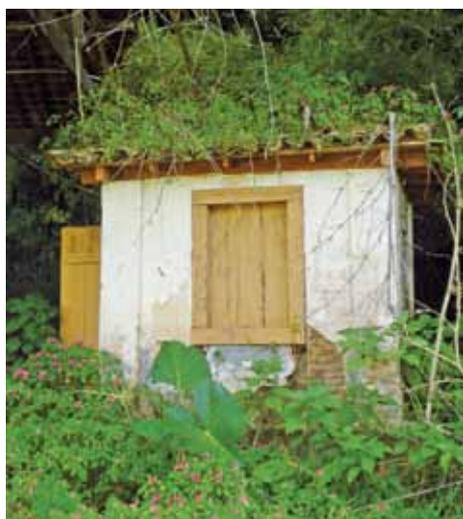
15



16



17



18



19



20



21

Retornando ao caminho que leva ao cafezal, observa-se nele uma saída por onde é canalizada toda a produção atual para as novas instalações de beneficiamento do café (f22), que dispõe, inclusive, de um novo terreiro de secagem dos grãos (f23).

Todo esse conjunto edificado, perfeitamente integrado originalmente em suas utilizações, é acompanhado pelo Córrego São João, que se desenvolve discretamente pelo terreno, quase sem ser notado (f24).



22



23



24

O edifício sede da Fazenda São João de Monnerat (f25) é uma imponente construção com implantação em “L” e porão alto habitável. Tivemos alguns relatos, como o do professor Edson Felipe, que ali no porão teria sido localizada a senzala, informação essa que foi corroborada pela Dra. Evangelina Monnerat, que é estudiosa sobre a história de sua família. O acesso principal ao pavimento nobre da construção ocorre através de escada, com lances opostos que conduzem a um patamar ao centro da construção. Esse tipo de ingresso era característico das fazendas de café já em estilo neoclássico, edificadas ou reformadas na época áurea do café. Ali os degraus de pedra são iniciados por montante esculpido no mesmo material, seguido de guarda-corpo em ferro batido (f26). A sede apresenta mais dois outros acessos ao pavimento superior, ambos para fins de serviço. Um deles se faz através da calçada de pedra que circunda toda a edificação, contornando o prédio pela lateral esquerda – esta rota leva o visitante a um jardim privativo na parte posterior da sede (f27).



25



26



27

Neste jardim está a escada direcionada para a cozinha da casa (f28).

O outro acesso secundário está posicionado na fachada lateral oposta (f29), que conduz a uma varanda em área de possível reforma – a escadaria e patamar subsequente que lhes servem são em pedra lavrada (f30), e, possivelmente, existiam previamente quando foram acrescentados os guarda-corpos em alvenaria e a cobertura.

Toda essa fachada, inclusive, tem uma leitura pouco clara (f31) no que se refere aos vãos de dimensões diversas, arremates descontinuados – como é o caso do cunhal que se repete em forma de pilastra mais adiante, e o desalinho da empena (ver planta 3/3). No entanto, o perímetro do porão é contínuo, sem sinais de intervenções que sugerissem prolongamento de qualquer tipo (ver planta 2/3).

As diferentes entradas para ingresso no porão existem em função da compartimentação interna do espaço, que se configura em três ambientes independentes, cada qual, portanto, com seu acesso exclusivo (f32). As espessas paredes de pedra se encontram pintadas internamente (f33) e, externamente, receberam o revestimento natural de hera, que confere ao edifício um ar nostálgico e romântico. Atualmente, o porão é utilizado como depósito, havendo informações não confirmadas de que outrora ali teria sido abrigada a senzala da fazenda.

O acesso principal ao pavimento nobre, conforme dito anteriormente, é feito através de escada de pedra que leva a um alpendre (f34).



28



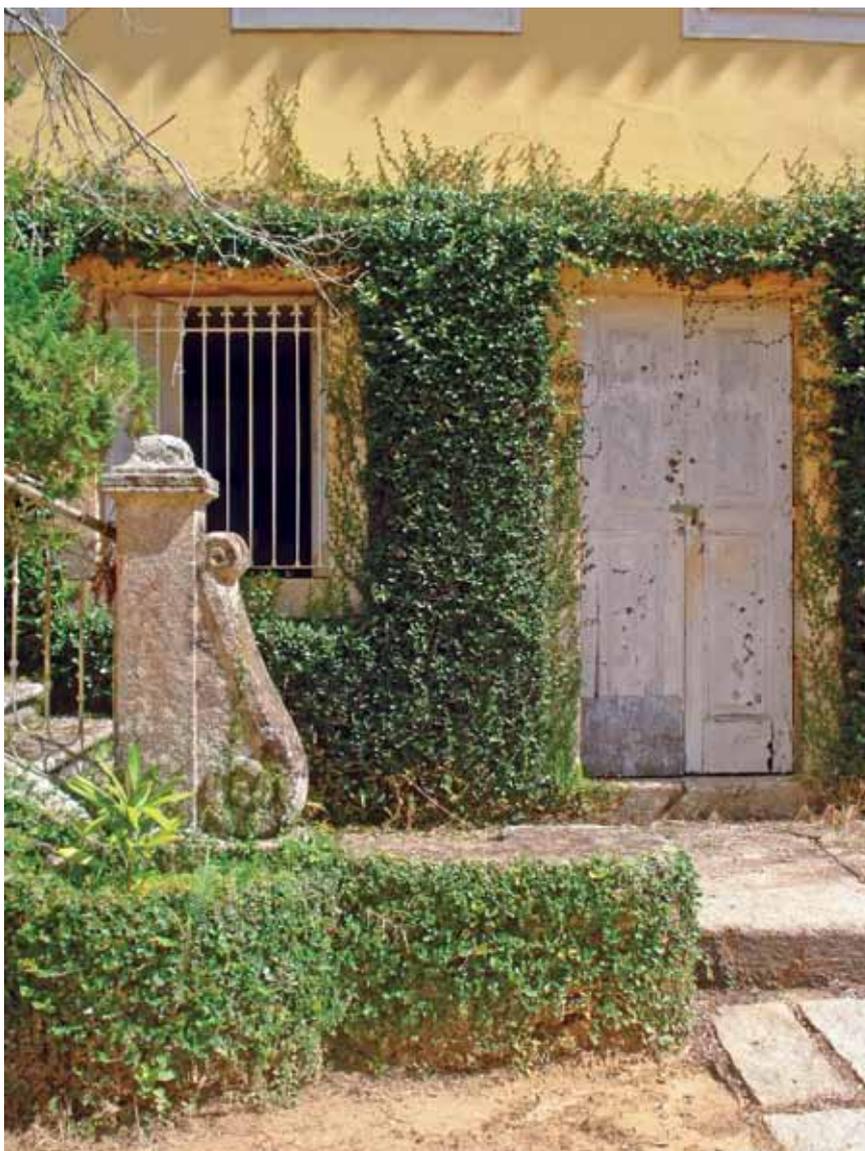
29



30



31



32



33



34

Este, por sua vez, introduz o visitante ao interior de uma sede de decoração bastante simples (f35). Os requintes ficam por conta de detalhes em alguns cômodos, como frisos e requadros nos forros de madeira (f36 e f37), presença de maçanetas em louça decorada (f38), puxadores, além de paginações de piso com alternância de madeiras – inclusive o pinho-de-riga (f39 e f40) –, sinal de apuro para as fazendas de café, assim como também o é a escolha por portas almofadadas e janelas duplas com vidraças (f41 e f42). É possível perceber, ainda, a presença de mobiliário de época, especialmente nos quartos (f43 e f44).



35



36



37



38



39



40



41



42



43



44

Além de lindos batentes em latão dourado (f45 e f46), fundidos artesanalmente e curiosamente localizados em porta secundária de acesso para a área de serviço (ver planta 3/3).

Tais peças certamente conduzem a uma atmosfera anterior de esmero, tese corroborada pela presença, ainda que discreta, de janelas que evidenciam a pré-existência de pintura decorativa em alguns cômodos da casa (f47 e f48). Acompanhando a dúvida a respeito de qual era a concepção primeira da fachada lateral direita da sede, tal questionamento ganha força quando se faz a análise da planta dessa residência, que teve sua disposição original claramente compartimentada (ver planta 3/3). A sala de estar que recebe o visitante o conduz a uma sala íntima ou a outra sala de estar: a partir desses três cômodos citados, ocorre uma sucessão de ambientes de dimensões acanhadas e estranhas ao padrão das fazendas cafeeiras, o que resulta em longos corredores que acessam pequenos ambientes (f49), ou ainda nichos sem função clara (f50).

Na área destinada aos serviços, a disposição dos espaços já está bastante adaptada às demandas atuais, destacando-se ali a existência de antigo fogão à lenha (f51).

O conjunto original ainda se encontra bem representado, não só pela sede, como também pela edificação da atual ferramentaria e conjunto de produção, formado pelo terreiro de café, tulhas, engenho e moinho.

A ferramentaria (f52), edificação extensa de pavimento único, apresenta cobertura em telhas capa e canal de estilo colonial.

Os panos de caimento do telhado apresentam alguns prolongamentos (f53).



45



46



47



48



49



50



51



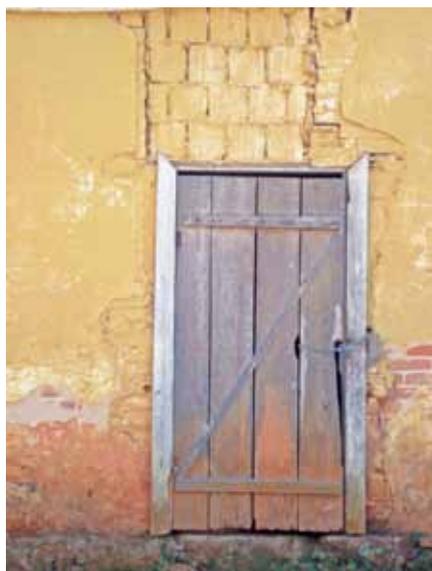
52



53

Estes, embora tenham sido executados com madeiramento antigo e telhas originais, deixam dúvidas a respeito de sua originalidade. A construção exibe vários sinais de modificações que corroboram este questionamento, como a coexistência de técnicas construtivas distintas (f54), de tipologias e materiais diversos nas esquadrias (f55), descontinuidades de acabamentos e acréscimos de estruturas portantes – pilares em tijolo maciço (f56) –, que estabelecem uma heterogeneidade na leitura da arquitetura dessa construção.

Há também dúvidas a respeito de ser o tijolo maciço o material do qual são constituídas as alvenarias desse edifício, pois, em alguns pontos do madeiramento da cobertura, podem ser observadas linhas de furações para o encaixe de esteios (f57), significando a existência anterior do pau a pique.



54



55



56

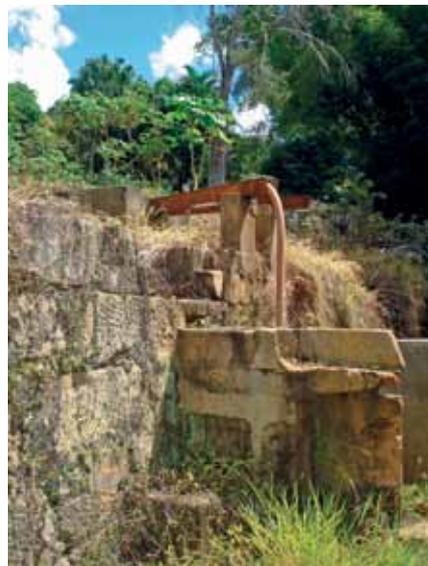


57

Seguindo, então, rumo ao terreiro de café, observam-se, distribuídos em torno deste, os equipamentos de estocagem e beneficiamento, aos quais não foi possível acesso ao interior – dali, é possível observar a linha mais baixa do cafezal (f58) e um antigo tanque de pedra, que recebe uma canaleta metálica para escoamento de água (f59). As edificações construídas sobre o platô do terreiro, que acredita-se serem duas tulhas (f60 e ver f58), têm implantações semelhantes, o que quer dizer parcialmente apoiadas sobre o plano do terreiro, estando o restante do corpo dessas edificações apoiados sobre pilares de pedra no nível inferior subsequente (f61 e f62).



58



59



60



61



62

A tulha de menor porte, localizada mais afastada do engenho, exibe acréscimo de varanda sobre o pátio de secagem (f63 e ver f60). Apresenta acesso lateral (f64) através de escada de pedra (f65), tendo esta início ao final do arrimo que delimita a área fronteira à sede. Exibe esquadrias remanescentes em madeira, do tipo envelhadas (f66), mas em sua maioria os vãos não mais apresentam suas folhas de vedação, restando apenas os requadros de madeira (ver f61).

A tulha de maiores proporções (ver f58), localizada contígua ao engenho, só possui acessos na fachada voltada para o terreiro, onde foi acrescentada cobertura para estacionamento de veículos (f67). Na parte posterior, exibe apenas pequenas aberturas com gradil em madeira (f68) e visita para o porão não utilizável, onde se pode ver melhor o embasamento de pedra que a sustenta, bem como estruturas acrescentadas para suporte de modificações, como a laje que se percebe na imagem (f69). O mesmo gradil de madeira se repete nas esquadrias da fachada lateral; as portas são de madeira do tipo encilhadas.

A edificação do engenho é composta por dois trechos de alturas distintas (f70), tendo ambos, no entanto, cobertura em duas águas, revestidas por telhas capa e canal do tipo colonial. Originalmente, o conjunto, erigido sobre baldrame de pedra, se expandia até a fachada posterior da tulha, segundo se pode comprovar através de marca deixada na empena citada (f71). Em sua extremidade mais próxima ao moinho, há uma grande porta, com folhas de padrão já contemporâneo (f72). A outra abertura original de acesso fica voltada para a estrada: a porta existente na fachada contrária já se trata de modificação, a julgar pelo material empregado e dimensões utilizadas.

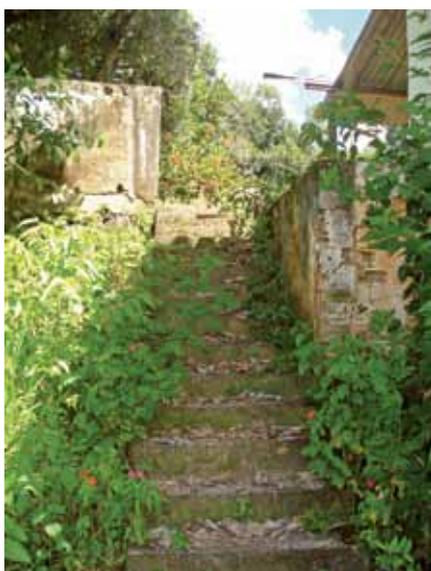
O moinho hoje se constitui apenas em uma edícula sem utilização, já não existindo mais ali o equipamento específico para sua função.



63



64



65



66



67



68



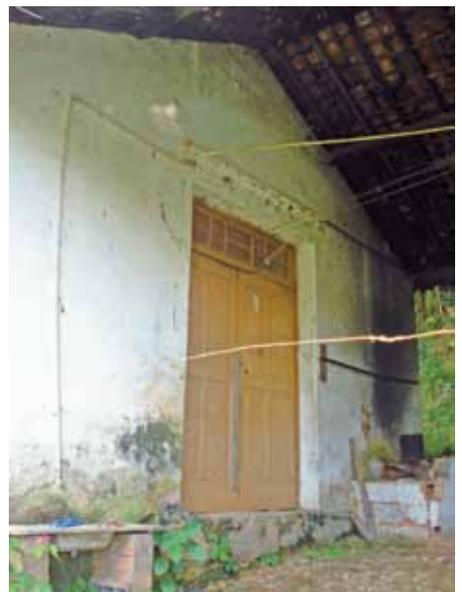
69



70



71



72

Observando todo o conjunto histórico, a sede é a que se mostra em melhor estado de conservação. Pequenos problemas pontuais alertam para a necessidade de manutenção permanente, trabalho incansável para aqueles que tomam para si a responsabilidade e o prazer de ter sob sua guarda um pedaço de nossa história.

As patologias internamente identificadas se referem a desgaste das ferragens de manejo de algumas esquadrias (f73) e infiltrações em paredes periféricas (f74). Nas fachadas, as infiltrações nos topos das empenas unem-se às verificadas internamente, levando ao diagnóstico de ineficiência da cobertura, não só a de maior tamanho, como também do pequeno telhado do alpendre (f75). Foi observado, ainda, o desprendimento generalizado da camada mais recente de pintura, o que provavelmente se deve à utilização equivocada de tintas acrílicas nas fachadas (f76). Através dessas áreas de abertura é possível identificar a cor anterior da sede: branca.

A edificação utilizada hoje como ferramentaria expõe sérios problemas de estabilidade da cobertura (f77 e f78), fato que religiosamente causa todas as consequências ali observadas, como fadiga das argamassas de revestimento, apodrecimento de madeiramento e umidade no cerne das alvenarias.

Os demais edifícios também apresentam sinais de deterioração crescente, o que poderá levá-los à ruína caso não haja uma intervenção restaurativa em tempo (ver f60 a f72).



73



74



75



76

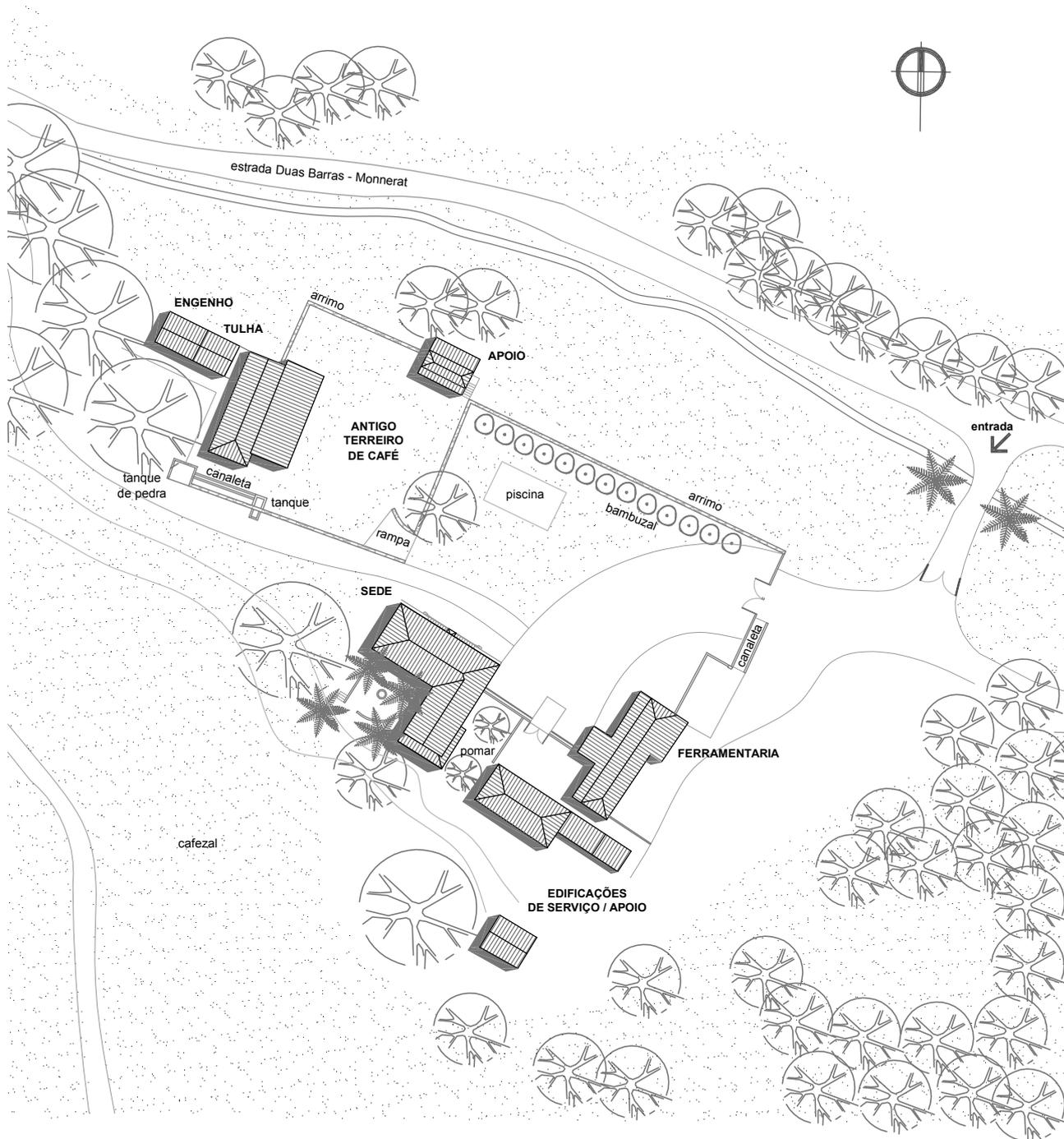


77



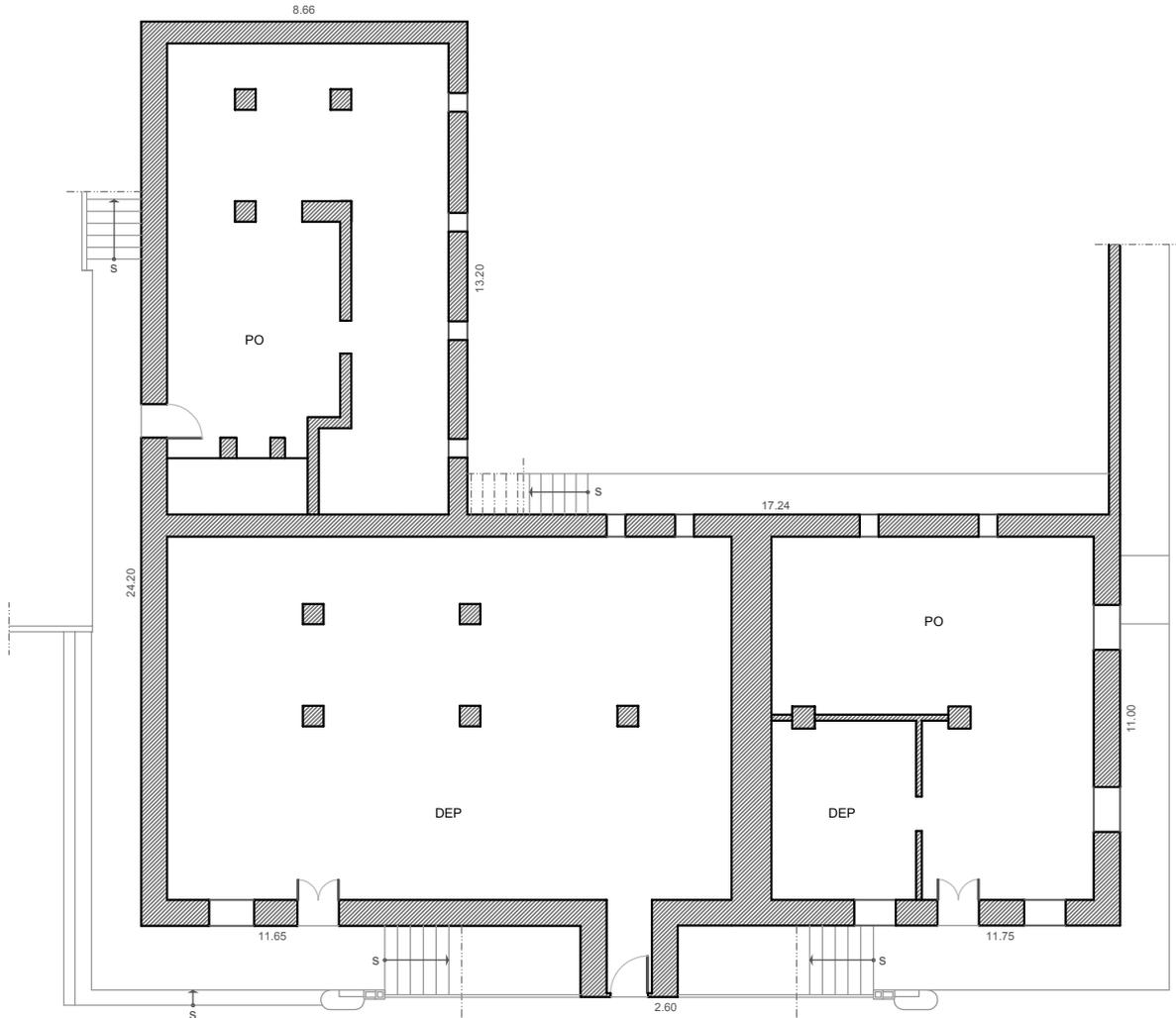
78

FAZENDA SÃO JOÃO DE MONNERAT



1 Implantação
escala: 1/1500
0 10 20 50

FAZENDA SÃO JOÃO DE MONNERAT



1 Planta Baixa da Sede - Porão
 escala: 1/200

0 1 5 10

DEP - depósito
 PO - porão

alvenaria existente
 alvenaria demolida

FAZENDA SÃO JOÃO DE MONNERAT



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/200



ALP - alpendre CI - circulação COZ - cozinha H - hall SE - sala de estar WC - banheiro
AS - área de serviço CO - copa DES - despensa Q - quarto SI - sala íntima

▬ alvenaria existente
- - - alvenaria demolida

No levantamento realizado para o Álbum de Duas Barras, a Fazenda São João, hoje conhecida como São João de Monnerat, já era de propriedade de Álvaro Monnerat, casado com Olga Moncada Monnerat (f79).

Álvaro era filho de José Heggerdorn Monnerat (f80) e Regina Wermelinger Monnerat (f81), além de neto de Jean-Joseph Monnerat, chegado em Duas Barras em 01/03/1808, após aportar no Brasil em viagem no navio Cammilus.

A esse tempo, a fazenda ocupava 150 alqueires, com produção anual de 800 arrobas de café e 50 carros de cana-de-açúcar. Assim como várias outras propriedades do município, São João era de caráter misto.

Estava ligada aos três distritos nos quais então se dividia Duas Barras através de boas estradas, e apenas distante 6 km da linha férrea, na estação de Monnerat. Era abastecida de energia elétrica própria, e apresentava sede confortável (f82).

Havia em São João engenhos de cana e café, além de 150 cabeças de gado misto, além de inúmeros colonos (f83).

Referências bibliográficas:

POMPEU, Julio (dir). Álbum do Município de Duas Barras – Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1923.

BON, Henrique. Imigrantes. *A saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da Independência*. Imagem Virtual. Nova Friburgo, 2004. 2ª. Edição.

Professor Edson Felipe – Duas Barras.





80



81



82



83



Fazenda São João de Monnerat, em 07 de junho de 1921

84



Fazenda São João de Monnerat: cel. José Monnerat na varanda.
Ao centro da imagem está Paulino Monnerat, um dos oito irmãos de Álvaro Monnerat.

85